



**XXII** Seminário Nacional de  
Bibliotecas Universitárias

28 de novembro a 01 de dezembro  
Florianópolis - SC

### Eixo 3 – Bibliotecas e Sociedade

## Um caminho para o aperfeiçoamento: a educação continuada do bibliotecário universitário para o atendimento a pessoas com o Transtorno do Espectro Autista

*A path to improvement: the continuing education of university librarians to assist people with Autistic Spectrum Disorder*

**José Mario de Oliveira Mendes** – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) – [jmendes@fespsp.org.br](mailto:jmendes@fespsp.org.br)

**Tauane Lima dos Santos** – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) – [tauanesantos10@hotmail.com](mailto:tauanesantos10@hotmail.com)

**Viviane de Oliveira Flores** – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) – [flores.viviane.92@gmail.com](mailto:flores.viviane.92@gmail.com)

**Resumo:** Pesquisa exploratório-descritiva com objetivo geral de investigar caminhos que o bibliotecário pode seguir para o aperfeiçoamento no atendimento a pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) com mapeamento de instituições que oferecem formação continuada na área do TEA. Aplicamos dois questionários: um, para colher pontos de vista dos responsáveis por indivíduos autistas sobre os bibliotecários, ambiente e trabalho da biblioteca universitária; e outro, para buscar respostas dos bibliotecários quanto à temática e suas experiências com o público autista. Com os resultados, observamos o quanto os responsáveis e autistas desejam frequentar a biblioteca, e como a falta de capacitação do profissional bibliotecário acaba afastando estes usuários do ambiente da biblioteca.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista (TEA). Biblioteca Universitária. Bibliotecário Universitário. Formação Continuada.

**Abstract:** Exploratory-descriptive research aiming at investigating ways that librarians can follow to improve their care for people with Autistic Spectrum Disorder (ASD) with a mapping of institutions that offer continuing education concerning the ASD area. We applied two questionnaires: one, to collect views of those responsible for autistic individuals about librarians, environment, and work of the university library; and another, to seek answers from librarians regarding the theme and their experiences with the autistic public. With the results, we observed how much the autistics and



their caregivers desire to attend the library, and how the lack of training of the librarian ends up keeping these users away from the library environment.

**Keywords:** Autistic Spectrum Disorder (ASD). University Library. University Librarian. Continuing Training.

## 1 INTRODUÇÃO

Pouco ainda é estudado a respeito das pessoas com o transtorno do espectro autista (TEA) frequentadoras de bibliotecas e os cursos de graduação em biblioteconomia não costumam ter em seu currículo assuntos que abordem este tema, resultando num profissional que termina a graduação sem conhecimento do que é o TEA e suas características. Assim, investigamos caminhos que o profissional bibliotecário pode seguir para o seu aperfeiçoamento no atendimento a pessoas com TEA, apresentando: história, conceito e características do TEA; Leis de inclusão de pessoas com TEA; conceito e aspectos da educação continuada e; instituições que oferecem formação continuada na área do TEA. Inserida no Eixo 3 do SNBU, procuramos contribuir para reflexões sobre a aproximação entre a biblioteca universitária e a sociedade com foco na inclusão de pessoas com TEA, discutindo a formação e atuação profissional do bibliotecário.

## 2 METODOLOGIA

Nesta pesquisa de cunho exploratório-descritivo com levantamento bibliográfico aplicamos dois questionários estruturados para auxiliar na investigação, um aplicado aos pais, com 12 perguntas (7 abertas e 5 perguntas fechadas), e outro aplicado aos profissionais bibliotecários com 5 perguntas abertas e 4 fechadas, elaborados com o Google Forms e publicados no Facebook (páginas “Bibliotecários do Brasil”, “Mães de Autistas” e “Cantinho dos Autistas”). A seguir, mapeamos instituições que oferecem cursos de pós-graduação ou especialização na área do TEA no Brasil apontando possibilidades que o bibliotecário pode encontrar para se especializar e proporcionar atendimento mais adequado e específico ao público autista.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

O Autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno neurológico cujo desenvolvimento das interações sociais e das comunicações verbal e não-verbal são comprometidos, gerando repetição e restrição no comportamento do indivíduo. Durante a Idade Média, acreditava-se que a criança nascia com algum tipo de deficiência por causa dos pecados cometidos pelos pais (Heywood, 2004). Somente a partir da idade moderna que começaram a surgir estudos relacionados à deficiência, quando “[...] pela primeira vez, a loucura e a idiotia passam a ser consideradas problemas médicos, e não mais teológicos ou morais” (Benitez, 2017, p.12). O termo autismo, como conhecemos hoje, foi descrito inicialmente em um artigo publicado em 1943 pelo psiquiatra Leo Kanner separando-o da psicose ou de outros transtornos, descrevendo as “alterações de fala e de linguagem, desenvolvimento cognitivo alterado, comportamentos repetitivos e sensibilidade pouco comum a determinados fatos e situações” (Stelzer, 2010, pg. 8-9) como maiores características. Em 1980, pela 1ª vez, o autismo foi incluído no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III), diferenciando-o, destacando que há combinações de alguns fatores que podem levar ao desenvolvimento do autismo, tendo a herança genética papel importante: “o TEA é considerado uma doença geneticamente heterogênea e complexa, já que apresenta diferentes padrões de herança e variantes genéticas causais” (Griesi-Oliveira; Sertié, 2017, p. 234). No Brasil, as discussões sobre o autismo começam a se intensificar a partir da década de 1970 e ganham mais notoriedade com a fundação da Associação de Amigos dos Autistas (AMA), em 1983, que conseguiu reconhecimento com leis e decretos que passaram a garantir os direitos dos autistas em 1986. O TEA pode ser classificado conforme o grau de dependência e/ou necessidade de suporte (leve, moderado ou severo) e níveis de gravidade (deficiências de comunicação/interação social e padrões repetitivos restritos de comportamento). Algumas leis já tratavam da preocupação em atender pessoas com autismo, mas ainda não se utilizavam do termo autismo. Em 1961 “[...] o atendimento educacional a pessoas com deficiência passa a ser fundamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 4.024/61”, referindo-se às pessoas “com deficiência como “excepcionais” [...]” (Santos; Vieira, 2017, p. 223), mas somente em 2012 é que surge a Lei nº 12.764 que “Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista” e

que, de fato, é específica ao público autista: “a intitulada “Lei Berenice Piana”, dando o devido reconhecimento e a importância da pessoa com autismo na sociedade brasileira.” (ibidem, p. 224). Em 2014, o Decreto Nº 8.368 passa a garantir ao autista o direito ao tratamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e a Lei Nº 13.146, de 2015, que institui que toda a condição de deficiência deve ser tratada com igualdade, mas que a deficiência deve ser “[...] declarada por equipe multiprofissional e interdisciplinar, com avaliação biopsicossocial, a qual considere não somente a natureza da deficiência momentânea, mas também em perspectiva de longo prazo e articulada com a vida da pessoa [...]” (Santos; Diniz; Fernandes, 2017, p. 1871). Em setembro de 2019, foi sancionada a Lei Estadual Nº 17.158, que institui políticas de proteção dos direitos das pessoas autistas, reforçando a importância de diagnóstico precoce, acompanhamento com uma equipe multiprofissional e acesso à medicamentos. Dar atenção ao autista não significa tratá-lo única e exclusivamente de maneira isolada, pelo contrário, consiste em tratá-los de maneira inclusiva, seja no ambiente de convívio social, seja num ambiente de trabalho, num ambiente da escola e, também, num ambiente de biblioteca.

Assim, um profissional bibliotecário especializado poderá atender o autista em diversas fases de sua vida, desde a biblioteca escolar até a biblioteca universitária ou unidades de informação de uma empresa onde este indivíduo seja um funcionário. Para Lankes (2016), o centro da biblioteca é a comunidade, cuja missão é atender às suas necessidades e não ser simplesmente um local cheio de materiais. Martins (2001) diz que o bibliotecário, para acompanhar seus usuários, tende a se aperfeiçoar constantemente e se ambientar com as várias possibilidades de recursos na sua área, buscando inovar, trazendo sua comunidade para dentro da biblioteca e estando preparado para todos os tipos de públicos, num espaço de hospitalidade, tratando de atender seus usuários de forma agradável, gerando conforto, permitindo que a pessoa se sinta à vontade e que usufrua de serviços de qualidade<sup>1</sup>.

Formação ou educação continuada é todo e qualquer aprendizado adquirido após a educação formal que tem como objetivo atualizar e desenvolver conhecimentos e habilidades profissionais de uma determinada área de atuação. Saechan (2005) diz que o aprendizado formal ou informal que um indivíduo busca é para que possa se atualizar e aprimorar suas competências para o presente e para o futuro e deve ser vista como um acompanhamento do que está acontecendo no mundo para

---

<sup>1</sup> Apesar do conceito da hospitalidade poder ser amplamente explorado, não é objetivo desta pesquisa focar especificamente neste conceito.

proporcionar um desenvolvimento profissional contínuo ao indivíduo. A educação continuada de bibliotecários é adotada em muitos países como uma forma de aperfeiçoamento e atualização do profissional ligada à qualidade do trabalho, a mais profissionalismo, a uma maior consciência profissional e à diversificação das funções e do espaço de atuação deste profissional. Em 1985, foi realizado o primeiro evento internacional para educação continuada dos bibliotecários, a *World Conference on Continuing Education*<sup>2</sup> em Pelos Hills, Illinois, abrindo caminho para outras iniciativas como o *Continuing Professional Development and Workplace Learning Section* (CPDWL), desenvolvido pela *International Federation of Library Associations and Institutions*<sup>3</sup> (IFLA) visando o desenvolvimento e a aprendizagem contínua dos profissionais. No Brasil, em 1956, foi organizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), o primeiro curso formal voltado para a educação continuada de bibliotecários. A partir da década de 1980, vários trabalhos, eventos e cursos foram desenvolvidos e promovidos por instituições públicas, privadas e por órgãos de classe.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os questionários dirigidos para os responsáveis por crianças com o TEA trouxeram 229 respostas válidas. A maioria dos diagnósticos de TEA ocorrem entre 1 ano e 4 anos e 11 meses, (76,2% do total) e quase 78% dos respondentes (178) se identificam com o gênero masculino, podendo corroborar que a maior parte das pessoas diagnosticadas com o TEA são desse gênero. A maioria, 131 (56%) se identifica com grau leve de TEA; em segundo lugar, 68 (29,1%), dizem ter TEA moderado. A maioria (86,8%) frequenta a escola regular e por volta de 50% dos entrevistados frequenta uma biblioteca escolar e/ou universitária. Ainda, desses 50%, 70% acreditam que a biblioteca é um espaço adequado para alguém com TEA, sejam elas públicas, escolares ou universitária. Quem frequenta as bibliotecas as considera como um espaço interativo ou sensorial; os que não frequentam, porque as consideram como um local não preparado e de extremo silêncio, já que algumas estereotípias fazem parte do espectro e os profissionais da unidade de informação muitas vezes não estão

---

<sup>2</sup> Conferência Mundial em Educação Continuada

<sup>3</sup> Federação Internacional de Associação e Instituições de Bibliotecas (IFLA)

preparados para lidar com este público. Sobre o que uma biblioteca poderia ter para alguém com TEA, a maioria deseja um espaço apenas para os autistas e, em segundo lugar, a capacitação dos profissionais da biblioteca. Sobre as respostas dos profissionais bibliotecários, a maioria está em uma biblioteca universitária (35,6%) e outros (26,7%) em bibliotecas escolares. 57,8% disseram já ter contato com o termo TEA, mas 14,7% não sabem/não o conhecem. A maioria (38,9%) diz que conhece usuários com TEA que frequentam a unidade em que trabalham e que é importante o profissional e sua biblioteca estarem preparados para receber este público, e 27,8% responderam que pode ser que existam pessoas autistas que frequentam a biblioteca, mas não têm conhecimento, por não estarem preparados para receber este público. Sobre o que poderiam melhorar ou fazer para que os indivíduos com TEA frequentassem sua biblioteca, 45% (40) mencionou cursos de capacitação, como uma autorreflexão do profissional além de responderem que o acolhimento, empatia e respeito são pontos importantes para um bom atendimento. Ao mesmo tempo, 92,2% responderam que nunca fizeram algum curso de capacitação para trabalhar com o público com TEA. Os quase 8% que se capacitaram responderam: “Tenho pós em psicopedagogia clínica e institucional e neuro psicopedagogia clínica e institucional”; “Fui mediadora de alunos com transtornos na Rede Pública do Rio de Janeiro”; “Especialização em educação especial em uma universidade particular. Aprendi principalmente sobre o respeito que devemos ter com o próximo e que TDS têm limitações, mas que são capazes de algo”; “Especialização em Educação Especial” e “Nossa instituição promoveu uma palestra sobre como trabalhar com autistas. E sempre estudei bastante sobre o tema desde a época da faculdade”. Sobre o mapeamento de instituições que oferecem cursos de pós-graduação, especialização (latu ou strictu sensu) e cursos livres na área de TEA no Brasil<sup>4</sup>, trazemos:

---

<sup>4</sup> É importante frisar que não estamos medindo a qualidade do ensino dessas instituições. Nosso foco é apresentar possibilidades de formação continuada do profissional bibliotecário, conforme descrito no nosso objetivo geral.

QUADRO 01 - INSTITUIÇÕES MAPEADAS

Modalidade	Instituição	Carga Horária	Curso	Título
EAD e Semipresencial	Faculdade Campos Elíseos	12 Meses /600 horas	Pós-Graduação em TEA	Especialização
EAD	ABA	100 horas	Curso de Capacitação em Terapia ABA do autismo para pais e aplicadores	Curso livre
EAD	Universidade de Araraquara	360 horas	Psicologia e Transtornos do Espectro Autista	Lato sensu
EAD	Child Behavior Institute of Miami	24 meses	Transtorno do Espectro Autista	Lato Sensu
EAD/ Semipresencial	Claretiano	10 meses / 360 horas	Transtorno do Espectro Autista	Pós-Graduação
EAD	Faculdade Dom Alberto	1000 horas	Pós-Graduação em Autismo	Pós-Graduação
EAD	Faculdade Única /Inst. Prominas	720 horas	Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)	Pós-graduação
EAD	Educamundo	-	Autismo	Curso livre
EAD	Ciclo Ceap	120 horas	Autismo	Extensão
EAD	FAVENI	1000 horas	Autismo	Pós-Graduação
Presencial	Faculdade São Judas Tadeu-RJ	18 meses	Pós-Graduação em TEA	Pós-Graduação
Presencial	Faculdade Censupeg/ SC e RJ	600 horas	Práticas e Abordagens de Atuação com Transtorno do Espectro Autista	Pós-Graduação
Presencial	Instituto Lahmiei Autismo	400 horas	Educação de Pessoas com Transtorno do Espectro Autista	Pós-Graduação lato sensu

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que a compreensão do que é o transtorno do espectro autista e das leis que o incluem certamente podem auxiliar o profissional bibliotecário a melhor se preparar para atender este público. Percebemos que não há políticas de inclusão nas bibliotecas e também há uma imagem distorcida da biblioteca por parte de seus

responsáveis, quando muitos ainda a enxergam como um lugar de absoluto silêncio, onde talvez o autista não se sinta à vontade, como vemos em respostas do questionário: “Biblioteca exige silêncio, e isso não é o forte do meu Filho”; “Como ela tem que ser um lugar silêncio acredito que não atrapalhe MT os autistas de modo geral”; “Ele não tem ainda o interesse em pegar em livros, não prende a atenção dele. Fora que ele não fica quietinho, então iria incomodar”; “Minha filha não consegui ficar em silêncio e não para um segundo”. Ainda foi possível notar que é fundamental que o bibliotecário continue buscando formas de se atualizar para trabalhar com o público no espectro autista, observando alguma das respostas a seguir: “Capacitação e sempre entender que como toda criança/adolescente tem suas particularidades e tempo”; “Conhecer a TEA e os usuários com ela, e estabelecer a interação com esse usuário.”; “Curso específico/acervo específico que atendesse e ajudasse no desenvolvimento”; “Vejo que cada um tem um nível do espectro e teríamos que estudar e conhecer esses usuários para propor melhorias”. Ainda, podemos perceber que há instituições e cursos voltados para os bibliotecários que desejam se aperfeiçoar e se atualizar com respeito ao atendimento não só do público em geral, mas também, especificamente com respeito ao atendimento de públicos com alguma necessidade especial, como o caso dos indivíduos com TEA. Basta querer e, agora, com os dados obtidos na nossa pesquisa, esperamos que os dados reunidos possam contribuir para que os bibliotecários procurem expandir seus conhecimentos sobre o assunto, desenvolver novas atividades e que possam dar um novo significado ao espaço biblioteca, aproximando cada vez mais o público autista deste espaço para que passem a ter prazer e vontade de frequentarem suas bibliotecas.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** 3. ed. 1980.

BENITEZ, Priscila. **Psicologia e educação especial**. Londrina - PR: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017.

GRIESI-OLIVEIRA, Karina; SERTIÉ, Andréa Laurato. **Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético**. São Paulo - SP: Hospital Albert Einstein, 2017.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da idade média à época contemporânea no ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.



LANKES, R. David. **Expect more:** melhores bibliotecas para um mundo complexo. São Paulo: FEBAB, 2016.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita:** história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001

SAECHAN, Chumchit. The needs of continuing education for academic librarians in the South of Thailand. **Malaysian Journal of Library & Information Science**, 2005, Kuala Lumpur, 25-36.

SANTOS, Marcos Pastana; DINIZ, Cládice Nóbile; FERNANDES, Ediclea Mascarenhas. Acessibilidade informacional para usuários com transtorno de espectro autista na biblioteca. **Revista Brasileira De Biblioteconomia E Documentação**, 13, 1863–1882. 2017.

SANTOS, Regina Kelly dos; VIEIRA, Antônia Maira Emelly Cabral da Silva. Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional. **Includere**, Mossoró, Rn, v. 3, n. 1, p. 219-232, set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/includere/article/view/7413>. Acesso em: 17 jun. 2023.

STELZER, Fernando Gustavo. **Uma pequena história do autismo.** Caderno pandorga de autismo, São Leopoldo, RS, vol. 1, jun. 2010.